

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Limites de Sergipe. Questões com Alagoas e Bahia, por Felisbello Freire. — II Poesias, por João Ribeiro. — III Chronica ás pressas. — IV Escolas sem livros. — V. Da educação, por Herbert Spencer. — VI Bibliographia Brasileira. — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

Limites de Sergipe. Questões com Alagoas e Bahia.

II

Limites Meridionaes. Hoje estes limites acham-se sancionados pela unanimidade de opiniões dos historiadores e geographos: o *thalweg* do rio Real.

Sempre foi este o limite entre Sergipe e Bahia, pelo sul, desde remotas épocas?

Ainda que não tenhamos podido obter o regimento dado á Christovão de Barros, quando conquistou Sergipe, em 1590, que deveria estabelecer a extensão de seu governo na nova capitania, vemos, comtudo, que o capitão mór Cosme Barboza, em Maio de 1603, concede de sesmaria á Balthazar Luiz, Domingos Fernandes e Christovão Leal, duas leguas de terra ao norte da barra do Itupicuré.

E muitas outras sesmarias foram concedidas na zona comprehendida entre este e o rio Real.

Si este facto é real, por si só não prova que a jurisdicção do governo de Sergipe se estendesse além do rio Real, pois na carta de sesmaria de Luiz Alves, dada pelo capitão mór de Sergipe Thomé da Rocha, em Maio de 1604, vemos as seguintes palavras, em seu regimento:

« As terras e aguas e ribeiras que estiverem dentro do termo e limite desta capitania de Sergipe, cidade de S. Christovão, que são vinte e cinco leguas, etc. »

Logo a extensão de Sergipe, de sul a norte, desde o começo do seculo 17º, era de vinte e cinco leguas, que deveriam ser contadas da margem meridional do rio S. Francisco até o rio Real, entre os quaes existe mais ou menos esta distancia.

Suppomos que a demarcação deve ser da margem de S. Francisco, pois, nesse tempo doações foram feitas pelas authoridades de

Sergipe na *Tabanga*, *Propiá* e na fóz do rio.

Quer nos parecer, pois, que a concessão feita por Cosme Barboza, junto á barra do Itapicurú, foi illegal, por isso que a zona não pertencia ao seu governo.

Em todo caso tudo isto é muito hypothetico. Depois da expulsão dos hollandezes de Sergipe (1645), os limites se conservaram no rio Real, em vista de uma carta do conde Castel Melhor aos officiaes da camara, de Julho de 1651 :

« A passagem do rio Real concedo a essa camara (Sergipe), quanto ao uso e logro de sua renda, *mas não quanto ao seu provimento porque este toca a este governo.* »

Até 1651 o governo não estendêo sua jurisdição além do rio ; e os proprios hollandezes, cujo insuccesso no Brazil teve como uma das mais importantes causas o esquecimento que votaram á colonisação de Sergipe, desde a invasão de Segismundo, em 1637, nunca levaram o seu dominio a estas fronteiras, onde a defensiva fortificou-se.

O desprezo que sempre votou Nassau á Sergipe, cujo territorio entregou á devastação de seus soldados ; não pesquisar Baguolô até os muros de S. Salvador, dando-lhe tempo para recuperar suas forças em S. Christovão e na Torre de Garcia d'Avila ; não colonisar Sergipe, fortificando-se em seus optimos pontos defensivos, foram importantes causas de seus desastres e do declinio do poder hollandez no Brazil.

Da nova capitania que offerecia ao viajante o aspecto de um cemiterio, e de onde os exercitos conquistadores tiravam o gado para nutrir-se, os caudilhos fizeram pousada para a guerra de emboscada, contra a qual o exercito hollandez foi sempre impotente.

Fechando o parenthesis, vejamos a questão de limites.

A lucta que se levantou então em Sergipe contra a Bahia, cujas causas não nos compete aqui estudar, lucta que se estendêo de 1658 á 1696, quando Sergipe foi considerada uma comarca daquella capitania, os seus limites foram levados além do rio Real, ficando na sua jurisdição as villas de Inhambupe, Itupicurú e Abbadia.

A provisão de 28 de Abril de 1828, que creou essas villas, é bem clara e explicita a este respeito.

E o territorio de Sergipe, como comarca, se estendêo do rio S. Francisco a Itapoan.

Esta nossa affirmacão é baseada em uma carta regia de 5 de Junho de 1725, dirigida ao vice Rei do Brazil Vasco Fernandes Cesar de Menezes, da qual extrahimos o seguinte trecho :

« Servindo de Governador desse estado D. João de Lancastre, foi preciso mandar dous ouvidores, um para essa cidade e outro para a de Sergipe d'El-Rei, ordenando aos governadores lhe declare a divisão de suas comarcas e jurisdicções, e que em virtude da minha real ordem declarava as ditas divisões, *dividindo a dita comarca de Sergipe e sua jurisdicção até onde chamão Itopuão, para o norte até o rio de S. Francisco, etc.* »

Entretanto, a requerimento dos povos de Inhambupe, Itupicurú e Abbadia, estas villas foram de novo incorporadas á Bahia.

Ficava, pois, Sergipe redusida aos seus antigos limites, os mesmos que tinha como capitania, do periodo de 1658 a 1696.

Não obstante essa annexação, a Bahia ainda não ficou satisfeita e quiz reclamar para si o territorio da parochia da Abbadia, do lado septentrional do rio Real.

A assembléa provincial de Sergipe, por lei n.º 65, de 5 de Março de 1841, elevou á freguezia a capella do povoado do Espirito Santo, dividindo-se ao Sul pelo rio Real com a Abbadia.

Não obstante, as authoridades desta villa quizeram penetrar no territorio sergipano, pondo-se em lucta aberta com as authoridades da villa Constitucional da Estancia, a que pertencia a mesma freguezia.

E o presidente de então, Sebastião Gaspar de Almeida Boto, na fala com que abriu a 1.ª sessão da 5.ª Legislatara, a 11 de Janeiro de 1842, dizia :

« Permanece o desgostoso conflicto surgido na extremidade sul da provincia, entre as authoridades da villa da Abbadia e as da comarca da Estancia, que, até o Espirito Santo, margem esquerda do rio Real, estendem suas jurisdicções. Em consequencia de que legislates a 6 de Março do anno passado, foi formalmente erecta em freguezia a povoação do Espirito Santo, e apenas foram creadas as respectivas authoridades, que terriveis ameaças lhes foram dirigidas ; no entanto dirigiu-se o meu antecessor ao presidente da Bahia, que ou-

vindo ao governador do arcebispado, respondeu que em quanto não houvesse parochia na nova freguezia, continuaria o da Abbadia a exercer as funções ecclesiasticas, a quem dos limites da provincia.

A' vista desta resposta, inferindo meu antecessor que duvida só havia do espiritual, ordenou ao Juiz de Direito da Estancia, que os Juizes de Paz de Santa Luzia estendessem sua jurisdicção até a raia natural e politica da provincia, nomeando elles os respectivos inspectores de quarteirão, com cuja existencia apparecerem os insultos e ameaças.

Até o proprio professor de primeiras lettras viu-se obrigado a retirar-se para escapar a algum desagrado.

Procurando meu antecessor evitar scenas pouco animadoras, que naturalmente resultariam da presença de força militar, entendeu-se de novo com o presidente da Bahia, que, contra toda espectativa, declarou não reconhecer a divisão pela parte civil, por não caber á Assembléa Provincial legislar sobre um assumpto que expressamente compete á Assembléa Geral. »

Eis qual foi o procedimento da Bahia !

De Sergipe retirou-se o territorio que se estende do rio Real a Itapuan, que pela lei lhe era pertencente, simplesmente para se satisfazer as reclamações dos potentados na politica. E de Sergipe não partio nenhum protesto.

Não satisfeita a Bahia, ainda quiz reclamar para si o territorio da margem esquerda do rio Real.

As reclamações de Sergipe eram improficuas contra a illegalidade que as authoridades commettiam.

E a nulla importancia a ellas ligadas não indicavam senão o habito da Bahia em pesar nos destinos de Sergipe, em interferir em suas deliberações, o que ainda hoje succede, com quebra da autonomia de sua representaçãona camara geral, onde a deputação bahiana inspira ao ministerio até nomeações de presidentes.

Tanto as reclamações se repetiram, que a questão ficou resolvida a favor de Sergipe pelo Decr. n. 323, de 23 de Setembro de 1843.

FELISBELLO FREIRE

Vitæ amica silentia

(a minha irmã)

*Agora quantos annos depois d'isto
Passaram ! e foi bem que elles passassem.
Sobre este sonho em cujo seio existo
Impunemente os seculos me passem.*

*Não mais acordarei ! nem que baixassem
A' terra os mortos que venero, e o Christo,
Se do seu bento e pallido registo
Braços movesse e os olhos lhe chorassem.*

*Que venha o tempo e rapido devore
Seja o riso que a boca me contraia
Ou seja toda a lagrima que eu chore. . .*

*E cada seio em que esse pranto caia,
A boca onde o sorriso meu demore,
Delles a voz, uma só voz, não saia.*

1887.

DUO

(a minha mãe)

*Mas ao redor de mim todos gritavam :
— «Este é o ladrão, matemol-o.» Calado
As injurias ouvi, doesto infamado
Que sobre mim precipites lançavam.*

*Um dos servos chegando : «Mais que ousado
Villão !tu foste !» (e os outros acclamavam)
«Ha crimes cuja nodou apenas lavam
«Ondas de sangue a ferro extravasado.»*

*E na grosseira mão feroz e fria
Brande o cutelo : «Seja morto agora !»
E a gente : «seja morto !» repetia.*

*«O coração lhe seja posto fóra,
Já que ousára o villão olhar um dia
A' nobre dama, á altissima senhora.»*

II.

*Então, eu calmo em funda e immota frieza
Eu disse o magro peito descobrindo :
— Abre-me as carnes, servo, mas abrindo
Vê bem se contas dás da tua empresa.*

*Mata-me ! á nobilissima princeza
Ousei amal-a, ao coração subindo,
Como se erguesse a minha boca á illesa
Ara do templo o beijo vil cuspindo.*

*Mas se a lisonja não desvaira ou cega,
Mau que tu foste, cego que tu és,
Cuja cegueira a propria luz renega. . .*

*Em mim não vive o coração talvez. . .
Vae aos pés da Senhora, corre, chega,
Has de encontrar-lh'o, moribundo, aos pés*

1883.

Epilogo

*Folha que póde recompor um ramo
Mas que não poudo construir um ninho,
Feche este livro misero e mesquinho
Que não soube dizer-te como te amo.*

1889.

MUSEON

n. 7

*A toda sala que tristeza empresta
Essa panoplia ! a espada antiga, a lança,
O escudo lucido e brunido, a aresta
Do arnez que a vista experiente cança.*

*As armas todas me despertam, esta,
D'um cavalleiro a varonil lembrança,
Aquella, um moço, acaso imberbe creança
Que o sol dos campos de batalha cresta.*

*Quanta promessa, em meio das conquistas,
Cortara o gladio, o mesmo que depois
Esplende a sala, e aqui deslumbra as vistas.*

*Pois esses brilhos rutilos de sóes
São por ventura as derradeiras pistas
Das luminosas almas dos heroes.*

MUSEON

n. 8

*Foi com esta maçon d'oi o polida
Que as ambições movendo de Atalanta,
Poude Hippomènes alcançal-a. E quanta
Victoria a essa em tudo parecida !*

*Ao ideal aspira ! á esrella aspira ! á vida
Aspira ó nada. ó turba agonisante,
Ou choras quando a terra alegre cante
Ou cantes quando a lagrima vertida*

*Desça-te á boca. E bastaria apenas
Para galgar essas regiões serenas
A maçon de Hippomènes, flebil, louro...*

*E chegáras ao ideal, á vida, o pomo
Aureo atirando á propria est. ella, como
Lá chega a luz — por uma escada de ouro.*

Prologo de um manuscripto

*Tu este livro abrindo
Cuja primeira folha escrevo agora,
Dirás talvez entre chorando e rindo :*

*— Quem, esses vultos que o poeta adora ?
Esta Lucia quem é que não conheço,
Que elle compara á santa luz da aurora ?*

*E as mais folhas voltando
Do inicio ao fim, do fim para o começo :
— Devo crêr que de todas se lembrando
A mim somente não ligasse apreço ?*

*Como te enganas ! que illusão funesta
Conturba a mente, os olhos te escurece !
Querias que minha alma te dissesse
Que adora a ti e tudo o mais detesta ?!*

*Repousam na mesma arvore serenas
As borbo etas, mais os passarinhos...
Pois as folhas, bem sabes, são apenas
Verdes pretextos de sonóros ninhos.*

MUSEON

n. 9

*Lahis cujo semblante copiado
Foi da espuma tyrrhena e a sangue tinto
Dos roseirões de Kypre, abrindo o cinto
Que foi da vespa aos elytros tomado,*

*Deixa o manto cair e o labirinto
De mil dobras da tunica. O nevado
Corpo lhe escorre o sangue derramado
Do rubro manto agora aos pés extincto.*

*E o seio tremulo surge, e o collo, e a albura
Do collo, o corpo todo e a claridade
Do corpo todo, pallida, fulgura...*

*A purpura no chão mira a deidade
Torce-se, enfuna-se e medindo a altura
Salta de baixo e a face d'ella invade.*

Chronica ás pressas

XAVIER MARQUES. *Uma familia bahiana*. Bahia, editor Pedro Chaves, 1888, 8.º de 226 paginas.

Agradecemos ao autor a remessa do exemplar. Mas á sua delicadeza não podemos corresponder com elogio algum.

Parece-nos que *Uma familia bahiana*, é um romance mal organizado, mal desenvolvido, mal concebido. O autor provavelmente quiz exercer-se no genero — *espantaburguezes*.

E' provavel, pois, que o seu livro tenha encontrado aceitação por parte do vulgo, sempre avido de frioleiras e bambochatas. Será esse o seu unico merito, se o é.

No emtanto, o estudo, a observação podem levar o Sr. Xavier Marques, mais tarde, a um lugar distincto entre os discipulos de Montepin e Ponson du Terrail.

A linguagem do seu livro é incorrectissima.

RUSTICAS, poesias de Baptista Nunes. Vas-

souras, typ. *Vassourense*, 1889, 8.º peq. de 91-XIV pp. e fls. preliminares.

Um volumesinho de versos, regularmente impresso e prefaciado pelo illustre Dr. Lucindo Filho, juiz competente na materia.

O Sr. Baptista Nunes não é poeta de valor; mas escreve agradavelmente os seus versos, com inspiração e alguma espontaneidade.

Apresentou-se modestamente, como lhe convinha, e não terá de arrepender-se de ter feito vibrar a sua lyra agreste, com tanto que não se tome de orgulho por lisonjas immerecidas.

As *RUSTICAS* não contém novidade de forma, nem de concepção. Não possuem originalidade. Mas revelam qualidades lyricas que podem ser encaminhadas a mais accurada expansão.

Agradecemos a remessa do exemplar com que nos obsequiou o autor.

Para dar uma idéa das *Rusticas*, e quero dar a peor, leiam-se os versos:

Aranha, cavallo, pato,
Gambá, camello, Perú,
Moribondo, jaburú,
Barata, cachorro, gato...

.....
Isto tudo com morrinha
Melhor se aguenta e se atura
Que uma sogra como a minha.

Isto faz rir muita gente boa.

Aqui está um terceto que me fez rir descommedidamente. E' o epilogo de umas bodas:

Depois nós fumo deitá.
—E depois? — Ora depois
Peguemo junto a roncá.

—
O *Centro bibliographico Vulgarizador* edita o volume de versos do nosso collega João Ribeiro, nos ultimos dias do mez de Novembro. No numero proximo publicaremos aqui as ultimas poesias da colleção.

MUSICAS

A respeito de musicas boas poucas são as casas editoras que as tenham publicado como a da Travessa de S. Francisco de Paula 23-A.

Cada publicação musical que d'alli sae, corre todo o Rio de Janeiro, applaudida, pilada e machucada por todos os pianos, calhambeques e violas de armario desde Botafogo ao Sacco do Alferes, da Tijuca aos valles de Inhauma e panellarias adjacentes. Pois vejam a lista:

VALSAS

Gruta dos Amores, Julius Alpinus, deliciosa. — *Sonhemos...*, Julio Reis, um verdadeiro sonho sem pesadellos. — *Namora-deira*, Julius Alpinus, uma das melhores do auctor. — *Telephone*, Salles Sobrinho, cousa boa no mundo. — *Sempre!* Ernesto Couto, é simplesmente provocante. — *Andalusas*, Ernesto Couto, é a valsa da moda. — *Flora*, Alexandre G. de Almeida, é um mimo, é o furor de todas as moças da cidade e arrabaldes. — *Irene*, Ernesto Couto, uma teteiasinha. — *Itala*, N. J. Martins, outra teteia. TANGOS Ha nada menos que os seguintes:

Rua do Mattoso, O. Tavares, um *tour de force*. — *O Pai João*, João B. Rodrigues, magnifico, e o phantastico *Oh! Cunha, tira o chapéo*, Julius Alpinus. POLKAS *Atrevidinha*, Ernesto Nazareth, poema que me reconcilia com os pianos. — *Azulão*, Germano de Moraes, bem feita esta polka. — *Voltamos de Matto Grosso*, Tristão dos Santos, uma polka delirante. — *Gentes! o imposto pegou!* Ernesto Nazareth, abençoado imposto que inspirou esta delicia. — *Bella*, Narciso J. Martins, é bastante agradável. — *A Bella Melusina*, E. J. de Nazareth, é o vinho de todas as polkas. — *Atraz de um bonet*, polka graciosa. — *A anquinha de Vovó*, P. Zavataro, facil e bem mexida. — *Fecha! Fecha!* Ubaldo Leal, muito boa. — *Bendegó na ponta!!!* N. Y. Martins, idem, idem. — *Como isto doe!!!* A. G. de Almeida, simplesmente adoravel. — *A Fonte do Lambary*, E. Nazareth, é a chave de ouro de todas. — *L'Avenir*, Costa Junior, capricho innocente, melodioso e facilimo.

Parabens, ó leitoras, que tendes pianos para magua da humanidade da vizinhança.

Ide as *Águas de Lambary*, á travessa de S. Francisco de Paula, 23-A.

Dr. ALFREDO GOMES. — *Lições de portuguez*, Rio, 1889, 8.º

É um resumo nocivo que vai intoxicar a meninada que estuda o portuguez.

Livro com varios erros, com impropriedade de exemplos, e com a unica vantagem de ser o bastante mal feito para não tornar-se uma calamidade de consequencias.

Esta opinião é apenas um aviso aos interessados. Não recebemos exemplar das *lições de portuguez*, lembrança que agradecemos ao auctor.

Escolas sem livros

O caso não se passa nem na China, nem na Zululandia, como pôde parecer, a primeira vista.

Semelhantes escolas existem mas aqui, n'este circulo litterario, ignorado pelo Sr. Dr. inspector geral d'instrução publica, e por uma razão muito simples: o cargo que o Sr. Horacio Andrade occupa é uma sinecura, um pagamento dos serviços, que S. S. prestou ao seu partido, escrevendo qualquer tolice no *Liberal*, nos tempos de opposição.

O filho do Sr. barão de Saramenha não foi nomeado inspector para cuidar dos interesses do ensino nem provêr de livros as escolas.

S. S. foi nomeado para ter um emprego que renda bons honorarios, e no qual não se faz mais do que isto: nomear delegados e inspectores municipaes aos fulanos, que bebem os ares pela situação dominante, e demittir aos ciceranos, que são d'ella adversarios.

Dos meritos ou demeritos d'esses aquinhoados na vaidade, porque no bolso não o são, S. S. não cogita, e pelo nobre espirito de justiça: a S. S. jamais ninguém perguntou se S. S. entendia d'instrução.

O resultado d'esse filhotismo é esta desgraça, que estamos vendo: as aulas publicas sem livros, e os miseros estudantes aprendendo noções de leitura, ou em jornaes velhos, ou em cartas commerciaes.

Tal systema pôde ser muito proveitoso, mas nos parece deficiente, porquanto até hoje toda a gente que vai a escola, inicia os seus conhecimentos litterarios em livros escriptos para esse objectivo, e que, a pouco e pouco, aperfeiçoam a intelligencia infantil, lapidando-a, esclarecendo-a.

Accresce que a provincia tem quantiosa verba destinada para esse ramo de administração, a cuja frente está um funcionario inapto, pois o facto de se ser bacharel em leis não induz sciencia pedagogica nem certeza de que o inspector *entenda do riscado*.

Como que se gasta a tal somma de dinheiro é o que não sabemos: as escolas de Pitanguy andam carentes de tudo, e se não as soccorressem a Camara, nem papel, nem penas, e nem tinta teriam os estudantes!

Acreditamos que o methodo educacionista, em Minas, faz invenções taes que admiram aos... cafres!

A mobilia das classes é o que ha de mais sebento, archaico, incommodo, e anti-hygienico.

Ainda assim, os pobres professores levantam as mãos para os céus.

Pois que duvida! podia a inspectoría *ordenar* que os estudantes se assentassem... no soalho, ou, como os indigenas, se puzessem de cocoras!...

Commentando estas vergonheiras, não sabidas pelos magnates de Ouro Preto, não exaggeramos: descrevemos o que ali está patente, visível, e a clamar, em vão, as mais serias providencias, se a repartição da capital houvesse sido creada para attender a taes inconvenientes, e não fosse o que realmente é: um achego para advogados sem clientela.

Já não é a primeira vez que apontamos essas irregularidades, e ha bem pouco pedimos livros para a aula publica, que funciona no Papagaio.

Nunca, entretanto, fomos ouvidos, e muito menos agora...

Seja como for, não podemos comprehender o *quid* de tanta desidia, de tanto es-

quecimento, em serviço transcendente como é o da instrução.

Manter escolas sem livros, como n'este districto, é luxo de mais para uma provincia que anda, financeiramente falando-se na dependura, com ser tambem uma sonegação dos intuitos educacionistas, que, no dizer do abalisado Smiles, desenvolvem a intelligencia, o caracter, e a disciplina.

Leccionar sem livros, ainda mesmo os do Sr. Macahubas, especie de belchores onde ha de tudo mas tudo velho e usado é, milagre que nem todo o professor pôde fazer.

E' preciso, para que o Sr. Horacio providencie, levar em linha de conta o pessimo systema de ensino, que se ministra á infancia mineira, havendo livros...

Imagine agora o Sr. inspector que *angü* não será essa instrução dada em pedaços de jornaes, e em correspondencias puramente commerciaes !

Se, conforme a figura de Beaconsfield, a mocidade de uma nação é a guarda da posteridade, a d'esta zona ha de ser uma phalange muito ridicula : quasi analphabeta, e embotada como um camello !

O desprezo, com que estão sendo tratadas as escolas d'este circulo litterario, não é serio, nem digno.

Ao Sr. inspector geral assiste a obrigação de cuidar dos interesses da instrução, já por ser isso adstricto ao cargo que S. S. exerce, já porque não é decente auferir pingue ordenado, sem trabalhar.

E se S. S. quer saber, ao certo, o que é instrução, consulte a Laboulaye, leia o que diz esse operoso publicista e eminente pensador, reflita no que elle ensina, e depois veja se não temos razão para censurarmos o relaxamento de S. S.

A persistir esse falseamento, ou melhor esse deboche em assumpto importante, como todos reconhecemos que o é a instrução, então que assembléa provincial acabe de uma vez com essa inspectoría e essa secretaria, na capital, dois verdadeiros trambolhos que empacham o orçamento, offerecendo guarida aos filhotes e aos ineptos.

Custear escolas, por luxo, sem lhes dar livros, é uma irrisão, é uma patacoada, contra a qual protestam os paes de familia,

cujos filhos são enviados para as aulas afim de aprenderem a ler em livros que ensinam, que eduquem, que iucutam, no animo infantil, esse desejo vivo de saber, que nunca mais nos abandona, e que de nós faz eternos estudantes.

Para essa miseria de meios de ensino não duvidamos chamar a solícita attenção do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia, e confiemos que S. Ex. diga ao Sr. inspector que cumpra com os seus deveres.

Livros para as nossas escolas ! eis o grito que damos.

O Pitanguy (Minas).

29 de Setembro de 1889

Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

Esta geometria empirica, que apresenta uma serie infinita de problemas, deve ser ensinada annos a seguir conjuntamente com outros estudos, que vantajosamente podem ser acompanhados até ao fim das applicações concretas que lhe serviram de preliminares. Depois que o cubo, o octoedro, as diversas fórmulas da pyramide e do prisma são bem conhecidas, passa-se a corpos regulares mais complexos : o dodecaedro, o icosaedro, que requerem muita intelligencia para se poderem construir com bocados de cartão. D'aqui uma transição natural pôde conduzir a fórmulas modificadas de corpos regulares, taes como as que os crystaes apresentam : o cubo truncado, o cubo d'angulos seccionados, e as modificações analogas do octaedro e do prisma. Isto proporcionará a occasião, emquanto se imitarem as fórmulas diversas tomadas pelos saes e pelos mineraes, de levar o alumno ao conhecimento de alguns dos grandes factos de mineralogia (1).

(1) Os que desejarem um guia para applicação do systema de ensino acima exposto, encontrarão-o num pequeno livro intitulado : A GEOMETRIA D'INVENÇÃO (INVENTIONAL GEOMETRY), publicado por J. e C. Mozley, Paternoster Row, Londres. (Nota de Spencer)..

Pódem bem avaliar-se que a geometria racional não apresentará obstáculo algum ao alumno, logo que este esteja ha muito affeito a exercicios d'este genero. Acostumado a observar as relações de fórma e quantidade, tendo algumas vezes entrevisto que certos resultados são necessarios, dados certos elementos; não vê nas demonstrações de Euclides mais do que o supplemento que faltava aos seus problemas familiares. As suas faculdades bem disciplinadas apossam-se facilmente das proposições successivas do professor e aprecia-lhe por este meio o valor. Gosa tambem o prazer de ver que algumas vezes egualmente elle encontra o bom methodo. D'esta fórma este estudo, arido para os que não estão preparados, é para elle agradável. Resta-nos accrescentar que se approxima o momento em que o espirito deve estar preparado para este exercicio, o melhor de todos para o desenvolvimento das nossas faculdades de reflexão: as demonstrações originaes. Alguns theoremas, como os que se seguem á Geometria dos Châmbres, tornar-se-lhe-hão logo possiveis; e quando elle os demonstrar, não serão sómente as faculdades intellectuaes que desenvolverá espontaneamente por esta fórma, mas sim as suas faculdades moraes.

Desenvolver mais estas indicações seria escrever um tractado minucioso de educação, o que não é nosso proposito. O esboço que apresentamos d'um plano de ensino para exercitar as preparações da creancinha, para dirigir as *lições das cousas* para ensinar o desenho e a geometria, não deve ser considerado como um exemplo do methodo fundado em principios geraes por nós expostos. Julgamos que, examinando, este esboço se encontrará conforme á regra que estabelece, que se deve proceder do simples para o composto, do indefinido para o definido, do concreto para o abstracto, do empirico para o racional, e julgamos que corresponde tambem ás demais condições presumidas, que são: 1º que a educação é em ponto pequeno uma reprodução da civilização; 2º que deve ser o mais possivel espontanea; 3º que deve acompanhá-la o prazer. A reunião de todas estas condições num só e unico methodo serve ao mesmo tempo para demonstrar que estas condições são verdadeiras e que o methodo é bom. Notae tambem que este methodo não é mais do que o producto logico da tendencia caracteristica de todos os progressos

modernos em educação — quer dizer, é a adopção plena e completa do systema natural, cujos progressos não são mais do que a adopção parcial — e tal é que em primeiro logar se conforma com os principios enunciados e em seguida porque obedece as suggestões do espirito da creança. Ha portanto logar para crer que o modo de proceder, cujos exemplos temos fornecido, se approxima do verdadeiro.

Vamos ainda accrescentar algumas palavras para insistir tambem sobre os dois principios geraes, que são ao mesmo tempo os mais importantes e mais descuidados: em primeiro logar, que, durante toda a juventude, o processo de instrução deve ser espontaneo (*self-instruction*), como o é na infancia e na idade madura; em segundo logar, que a actividade mental produzida deve sempre ser attrahente por si mesma. Se a progressão do simples para o composto, do indefinido para o definido; do concreto para o abstracto é um verdadeiro dado para a psychologia, a espontaneidade e o prazer do estudo, tornam-se pedras de toque, pelas quaes julgamos se a lei psychologica foi ou não seguida. Se a lei psychologica contém as generalisações, principaes da *sciencia* de educação, estes dois principios contém as regras essenciaes da *arte* de educação. Porque evidentemente os degraus do nosso curso de estudos estão de tal modo dispostos, que o alumno póde segui-los com pequeno ou nenhum auxilio, pois que a sua disposição corresponde ás diferentes phases da sua evolução intellectual; e, manifestamente ainda, se a passagem de um grau para outro lhe é agradável, é porque não exige mais do que o exercicio normal das suas faculdades.

Mas fazer da educação um processo de evolução espontanea tem ainda uma outra e maior vantagem do que a de dispor o curso de estudos segundo um plano racional. Em primeiro logar assegura-se assim a força e a duração das impressões, cousa que os methodos ordinarios nunca fazem. Todo o conhecimento que o alumno adquiriu por si proprio, todo o problema que resolveu, torna-se por direito de conquista cousa sua, muito mais do que o podia ser por outra fórma. A actividade prévia de espirito que o successo implica, a concentração do pensamento que a torna necessaria, a excitação do triumpho, tudo concorre para gravar os factos na memoria da

creança d'um modo mais profundo do que o podia fazer a leitura ou a audição. Mas se decahiu, a tenção d'essas faculdades fixa as suas recordações, logo que a solução lhe foi dada, melhor do que o podiam fazer explicações muitas vezes repetidas. Além d'isso nota-se que esta maneira de se instruir torna necessaria a organização continua dos conhecimentos adquiridos. E' proprio da natureza dos factos e das conclusões assim assimiladas o tornarem-se successivamente premissas d'outras conclusões do problema d'hontem auxilia o alumno a resolver o problema d'hoje. D'este modo o conhecimento novo transforma-se em faculdade logo que se adquire, e para o futuro concorre para a função geral do pensamento, em vez de ser apenas escripto nas paginas d'uma bibliotheca interna, como succede quando se aprende de cór. Nota-se ainda de que auxilio é esta espontaneidade do trabalho para o nosso desenvolvimento moral. A coragem no ataque das difficuldades, a concentração paciente da attenção, a perseverança apesar dos revezes, são as disposições especiaes que é necessario empregar na vida; e são precisamente as que desenvolve o systema, que consiste em proporcionar ao espirito o seu pão intellectual. Que seja perfeitamente practica esta maneira de instruir a juventude, eis o que podemos attestar sobre a nossa garantia pessoal, porque é assim que nos ensinaram a nós mesmos na juventude a resolver os problemas relativamente complexos da perspectiva. E que os grandes mestres têm propendido para esta direcção, é o que testemunham ao mesmo tempo Fellenberg, quando diz que «a actividade livre e individual do alumno é de muito maior importancia do que o cuidado officioso d'aquelles que se incumbem de o instruir»; Horacio Mann (1), quando exprime a opinião de que «desgraçadamente a educação entre nós consiste mais em *doutrinar* do que em *exercitar* as creanças»; e Marcel quando nota que «aquillo que o alumno descobre pelo trabalho do

seu pensamento é muito melhor sabido do que aquillo que aprendeu».

Outro tanto succede no que diz respeito á outra condição exigida: isto é o methodo de educação escolhido produz no alumno uma agradável actividade, agradável não por causa das recompensas que deve proporcionar, mas é por si mesma salutar. Além de que a obediencia a esta regra nos preserva do inconveniente que ha sempre em contrariar o progresso normal da evolução natural tem ainda outras vantagens. Logo que não tenhamos tenção de regressar á moral ascetica ou, melhor á *immoralidade* ascetica) devemos considerar a conservação da felicidade da juventude como um objecto digno por si proprio das nossas preoccupações. Sem nos determos nesta consideração todavia, notamos que um estado agradável do espirito é muito mais favoravel ao trabalho do que estado de indifferença ou de desgosto. Todo o mundo sabe que as cousas lidas, ouvidas, ou vistas com interesse se retêm muito melhor do que as cousas lidas, ouvidas ou vistas com aborrecimento. No primeiro caso as faculdades preoccuparam-se activamente com o objecto que lhe apresentaram; no segundo caso só se occuparam d'um modo pouco activo, e a attenção foi constantemente distrahida por outros pensamentos mais agradaveis. Depende isto da impressão ter sido mais forte ou mais fraca. Além d'isso, á falta de attenção que produz no alumno a falta de interesse, vem addicionar-se o receio das consequencias desta in-attenção, receio que o paralysa e augmenta a difficuldade que experimenta em fixar o seu pensamento sobre assumptos que o aborrecem. E' portanto claro que a efficacia do ensino, dando-se egualdade de condições, será proporcionada ao prazer com que o alumno trabalhar.

E' preciso considerar tambem que graves consequencias moraes não estão ligadas ao prazer ou ao desgosto que acompanha as lições de todos os dias. Comparae a figura e a maneira de ser de duas creanças, uma das quaes sentiu prazer com o estudo de assumptos que lhe interessam, e a outra se considera infeliz com o desgosto do trabalho, a severidade dos seus mestres, as ameaças, os castigos, e vereis que as disposições naturaes d'uma e d'outra se resentem bem ou mal d'este estado de cousas. Quem observou os effeitos do successo ou do insuccesso sobre o espirito, e a

(1) H. Mann, o mais celebre dos educadores americanos nasceu em 1796 e morreu em 1859. Deve-se-lhe a reorganização do ensino primario no estado de Massachusetts onde desempenhou durante doze annos (1838-1850) as funções de secretario da direcção de educação. As suas obras completas, em inglez, foram publicadas em 1867, em dois volumes.

definido são as doutrinas e os methods herdados do tempo passado, suggeridos por as nossas recordações da infancia, adoptados sob a fé das amas e dos creados, methods inventados não pela sciencia, mas sim pela ignorancia dos tempos. João-Paulo (1), commentando este estado cahotico da opinião e da practica em materia de governo da familia escreveu: « Se as variações secretas de um grande numero de paes pertencentes á media dos espiritos fossem postas em evidencia, organisadas em plano de estudos para servirem á educação moral dos filhos, constituiriam um todo no genero d'este: na primeira hora: « E' a moral pura que deve ser ensinada á creança, quer por mim, quer por aquelles que a dirijam na segunda hora: » A moral mixta ou a moral propriamente utilitaria: » « na terceira hora: » Não vêdes que vosso pae faz assim? » na quarta hora: « Sois creança, e isso não convém senão ás pessoas crescidas: » na quinta hora: « O importante é que tireis partido do mundo e sejais alguma coisa no Estado: na sexta hora: « São as cousas eternas e não as temporaes que determinam o merito do homem: » na setima hora: « Supportae as injustiças com paciencia: » na oitava hora: « Mas defendei-vos valorosamente, se vos atacarem: » na nona hora: « Querido filho, não faças bulha: » á decima hora: « Uma creança não deve estar immovel como vos vejo: » á decima primeira hora: « E' preciso obedecer a vossos paes: » á decima segunda hora: « E fazedes vós mesmos a vossa educação. » D'esta fórma, o pae, a toda a hora, pela flutuação dos seus principios occulta o que estes tem de incompleto e insustentavel. Em quanto á sua esposa não póde comparar-se nem a elle nem a esses arlequins que apparecem em scena com um masso de papeis debaixo de cada braço, respondendo aos que lhe pergantavam o que é que elle traz sob o braço direito: « Ordens. » E debaixo do braço esquerdo? « Contra-ordens. » O unico termo de comparação que encontro para a mãe, seria um gigante Briareu, de cem braços, com um masso de papeis debaixo de cada braço! »

Este estado de cousas não está prestes a mudar. Algumas gerações tem de passar

(1) João-Paulo Richter (1763-1825) celebre humorista allemão, conhecido vulgarmente por João-Paulo, escreveu entre outros, um tratado de educação intitulado LEVANA (1807), d'onde extrahimos a citação que segue.

para que se possa esperar que isto melhore. Assim como succede ás constituições politicas, os systemas de educação não se criam, desenvolvem-se; e o desenvolvimento não é apreciavel em curtos periodos de tempo. Por mais lentos, no entanto, que devam ser os melhoramentos, implicam estes o emprego de meios para os attingir: e a discussão é um d'esses meios.

Não pertencemos ao numero dos que creem, como Palmerston, « que todas as creanças nasceram bondosas. » O dogma contrario, por mais insustentavel que seja, ainda nos parece em summa menos afastado da verdade. Tambem não acreditamos que se póde, por uma educação habilmente dirigida, leval-as a ser completamente o que deveriam ser. Pelo contrario sabemos que, se podem diminuir-se, não se podem destruir as suas imperfeições naturaes. Poder-se-hia comparar a opinião de certas pessoas que um systema perfeito de educação produziria uma humanidade ideal, á opinião do poeta Shelley (1), que, se a humanidade abolisse as suas antigas instituições e esquecesse os seus antigos prejuizos, todos os males que existem neste mundo desappareceriam de repente: nem uma nem outra opinião pode ser partilhada pelos que têm estudado sem paixão as cousas humanas.

Apesar d'isto, as pessoas que alimentam estas audazes esperanças têm direito ás nossas sympathias. O entusiasmo, impellido mesmo até ao fanatismo, é um motor util e talvez até indispensavel. E' claro que o politico ardente não supportaria as fadigas que atura, não faria os sacrificios que se impõe, se elle não acreditasse que a reforma pela qual combate é a unica coisa necessaria. Sem a convicção, em que se está, de que a embriaguez é a origem de todos os males da sociedade, o *teetotaller* (2) seria muito menos zeloso na sua propaganda. Em philanthropia, como n'outras materias, a divisão do trabalho produz uma grande vantagem; e para que se desse a divisão do trabalho, foi preciso que cada

(1) Shelley (1792-1822) um dos maiores poetas do seculo (Taine), desenvolveu em muitas das suas obras, entre outras, no seu poema da REINE MAB, a generosa utopia a que Spencer allude.

(2) Na Inglaterra chamam familiarmente *teetotallers* aos partidarios da abstenção total das bebidas alcoholicas. Eis aqui, segundo a tradição, a origem d'essa designação bisarra. As primeiras sociedades de temperança não prohibiam mais do que os licores fortes e permitiam o uso do

influencia do espirito sobre o corpo, sabe que na primeira d'estas creanças o caracter e a saude são favoravelmente affectadas, em quanto que na segunda pôde-se receiar que o character se não torne moroso, timido, e que a propria condição physica não enfraqueça. Ainda resta assignalar um resultado indirecto do methodo empregado, o qual não é de pouca importancia. As relações entre alumnos e professores, em egualdade de circumstancias, são affectuosas e efficazes, ou antipathicas e impotentes conforme o ensino ministrado proporciona prazer ou magua. O homem está á merce das associações de ideias. O individuo que todos os dias importuna ou faz soffrer não pôde deixar de ser visto com uma secreta aversão; e se não causa outras emoções mais do que penosas será inevitavelmente odiado. Pelo contrario o mestre que auxilia a creança a alcançar o objecto dos seus desejos, que lhe proporciona diariamente o prazer da victoria, que o anima nas difficuldades, que sympathisa com elle nos triumphos, será necessariamente visto com prazer; e será até estimado, se a sua conducta estiver sempre em relação com os seus principios. Ora, quando reflectimos na efficacia benefica da tutela de um mestre, considerado pela creança como um amigo, comparada com a impotente direcção d'aquelle que a creança acolhe com um sentimento de aversão ou pelo menos de indifferença, podemos dizer que as vantagens indirectas d'uma educação em que se tem em conta a felicidade da juventude não são nada inferiores a essas vantagens directas. Aos que pozessem em duvida a possibilidade de applicar o systema que aqui defendemos, responderiamos ainda que não sómente é indicado na theoria, mas tem até a recommendação da experiencia. Aos juizos pronunciados por todos os mestres habéis, que desde o tempo de Pestalozzi, emittiram parecer sobre este ponto, accrescentamos o do professor Pillans (1), o qual diz: « Quando se ensinam as creanças como deve ser, não são estas menos felizes durante as horas d'aula, do que durante as horas de recreio; raras vezes o exercicio bem dirigido da actividade intellectual é acompanhado nellas de menos gozo do que o exercicio da

sua actividade physica, e algumas vezes ainda produz melhores resultados. »

Para apresentar uma ultima razão em favor da educação espontanea e por consequencia agradável, recordaremos que quanto mais se tornar assim, mais provavel é que o alumno não cesse de estudar, até quando deixe de ir a escola. Sempre que o ensino for penoso, tenderá então a interrompê-lo, logo que cesse a coerção dos paes e dos mestres. Quando o tornarem agradável, tenderá a continuar sem guia a cultura espontanea começada com guias. Estes resultados são inevitáveis. D'esta forma, emquanto as leis de associação de ideias permanecerem verdadeiras; emquanto o homem sentir desgosto pelas cousas e logares que lhe recordarem factos penosos, agrado pelas cousas e logares que apresentarem ao seu espirito os prazeres passados, as lições acompanhadas de desgosto tornar-lhe-hão repulsiva a aquisição de conhecimentos, as lições agradáveis tornal-a-hão attrahente. Os homens que na sua juventude adquiriram a sciencia com a forma de deveres repugnantes, acompanhada de ameaças e castigos, e os homens que não adquiriram o habito de livre investigação, nunca gostaram provavelmente do estudo; emquanto que os homens que adquiriram a sciencia em condições naturaes, no tempo permittido, e que se recordam dos factos que esta lhes proporcionou, interessantes por si mesmos e como occasião de uma longa serie de successos cheios de encantos, estes homens, por este facto, continuarão, durante toda a vida, a instruirem-se por si proprios, como o fizeram na sua juventude.

DA EDUCAÇÃO MORAL

SUMMARY : — E' necessario preparar a mocidade de ambos os sexos para os seus futuros deveres de paes e mães de familia, fazendo-a adquirir o conhecimento dos melhores methodos de educação. Carecendo os paes d'este conhecimento, o governo da familia fica entregue ao arbitrio e á ignorancia. Citação de João-Paulo Richter. — Observações preliminares: a educação não tem o poder de tornar as creanças perfectas; por outra, se podesse existir um systema de educação capaz de produzir este resultado, os paes são por si muito imperfeitos para o poderem applicar d'uma maneira completa e o estado actual da sociedade opporia obstaculos á sua realisação; mas não é menos util formar um ideal devendo os methodos de educação aperfeigarem-se á medida que o nivel moral dos paes e da sociedade se eleva.

Exposição do methodo natural de educação moral

(1) Pillans, professor de latim na Universidade de Edimborg.

methodo que deixa proceder as reacções naturaes dos nossos actos. Estas consequências naturaes dos nossos actos são o criterio segundo o qual nós definimos um acto bom ou mau: tem um caracter de necessidade, de constancia; são proporcionaes ás transgressões. Ensinam a creancinha a evitar os accidentes physicos e encaminham o homem na vida; serão tambem o meio mais eficaz para a educação moral da juventude.

Os castigos applicados pelos paes estão geralmente em contradicção com o principio d'este methodo: são penalidades artificiaes e não consequências directas das transgressões — Exemplos do emprego, dos systemas das reacções naturaes. Vantagens d'este systema: faz adquirir a idéa de relação de causa para effeito relativamente ás acções e aos seus resultados; está de accordo com a justiça; evita aos paes o intervirem como auctores do castigo e previnem a desaffeição que póde originar o systema habitual das correcções.

Que é todavia preciso fazer no caso d'uma falta grave? Observações preliminares: relações que cumpre estabelecer entre pais e filhos, explicadas pelos exemplos: estas relações prevenirão muitas faltas graves. Conducta que devem os paes observar sempre que se deem faltas d'esta natureza.

Conselhos geraes aos paes: não esperar nem exigir muito das creanças; usar o menos possivel dos meios de auctoridade e não multiplicar as ordens; mas quando se der uma ordem, exigir que seja obedecida. — O fim da educação é habituar a creança a governar-se por si mesma. — A educação é um encargo difficil, exige da maior parte dos paes uma constante applicação, para se tornarem dignos da sua missão.

Não vêem o defeito capital dos nossos programmas de educação. Emquanto aperfeiçoam muito os nossos minuciosos systemas, no fundo e na fórma, o mais urgente *desideratum* não foi ainda reconhecido, nas proprias condições de *desideratum*. Preparar a juventude para os deveres da vida, tal é o objecto que os paes e mestres têm tacitamente em vista na educação, e felizmente o valor das cousas ensinadas, a excellencia dos methodos seguidos são agora julgados pela sua adaptação a este objecto. E' por isso que se julga conveniente substituir a educação puramente classica por uma educação em que entre o estudo das linguas modernas. Insiste-se sobre a necessidade de incluir nesta o estudo das sciencias por analogas razões. Mas embora se tome cuidado de preparar a juventude de ambos os sexos para a vida social e para a vida publica, por fórma alguma a preparam para o desempenho de paes e mães de familia. Emquanto se está convencido de que, para saber ganhar a vida no mundo, é preciso ter passado por uma preparação laboriosa, parece crer-se que para educar as creanças preparação alguma é necessaria. Em quanto o mancebo gasta annos em adquirir este genero de conhecimentos, cujo principal merito se reduz a completar «a educação de um homem do mundo» e a donzella esses talentos

de recreio que farão d'ella o adorno das soirées, não dedicam uma hora ao estudo que podia collocar-as no estado de preencher o dever mais grave de todos: o governo da familia. Por ventura o desempenho d'este dever não se apresentará senão eventualmente na vida? Pelo contrario, é certo que, de nove vezes sobre dez, pesará sobre elles. E' porventura facil de desempenhar? Pelo contrario; de todas as funcções do homem a mais difficil é esta. Póde acaso esperar-se que todo o mancebo ou donzella adquirirá por si mesmo, por sua propria iniciativa, os conhecimentos necessarios para o desempenho dos seus futuros deveres de paes? Por fórma alguma; porque em primeiro logar não se reconhece a necessidade de adquirir esses conhecimentos, e além d'isso a complexidade do assumpto é tal que a arte de educar as creanças é aquella em que ha menos probabilidades do proprio individuo a poder conseguir. Não se póde invocar motivo algum razoavel para deixar a arte de educação fóra dos nossos cursos de estudos. Quer nos colloquemos no ponto de vista da felicidade dos proprios paes ou da existencia das creanças e da sua posteridade, devemos admittir que o conhecimento dos melhores methodos de educação physica, intellectual e moral, se deve adquirir por ser de alta importancia. Este assumpto devia servir de corôa aos estudos de ambos os sexos. Assim como no physico a virilidade é caracterizada pelo poder de procreação, a virilidade intellectual é caracterizada pelo poder de educar os filhos. *O assumpto que absorve em si todos os mais assumptos e que deve por consequencia formar o ponto culminante da educação, é a theoria e a practica da educação.*

Sem esta preparação o governo das creanças e particularmente o seu governo moral é lamentavelmente mau. Ou os paes não pensam em tal ou as suas conclusões sobre esta materia são illogicas e erroneas. Na maior parte dos casos, e sobre tudo da parte das mães, a maneira de tratar as creanças, em qualquer occasião que se apresente, é a do impulso do momento. Por fórma alguma emana d'uma convicção reflectida sobre o que convém ao bem da creança, mas simplesmente do sentimento, bom ou mau, que os paes experimentam; e varia de hora em hora com esses mesmos sentimentos. E se ás inspirações do capricho se junta alguma doutrina, algum methodo

philanthropo se absorvesse mais ou menos na sua função particular e tivesse uma fé exagerada na sua obra. D'aqui provém que podemos dizer, a respeito dos que consideram a educação intellectual moral como uma panacea, que a exaggeração da sua expectativa não é destituida de vantagem; e é talvez uma parte da ordem benéfica das cousas, que a sua confiança não possa ser abalada.

Mas, quando assim fosse verdade, que, por qualquer systema de educação moral ainda não creado se podessem aperfeiçoar as creanças sob um modelo appetecido, e quando se podesse até levar todos os paes a adoptarem este systema, estariamos ainda longe de alcançar o objecto em vista. Esquece-se que a applicação de semelhante systema suppõe da parte dos adultos um grau de intelligencia, de bondade, de imperio sobre si proprio que ninguém possui. O erro dos que discutem as questões de educação domestica consiste em attribuir todos os defeitos, em imputar todas as difficuldades ás creanças e nenhuma aos paes. Em tudo que diz respeito ao governo da familia, como no que diz respeito ao governo da nação, suppõe-se sempre que as virtudes estão do lado dos governantes e os vícios do lado dos governados. A julgar pelas theorias de educação, parece que homens e mulheres se transformam, logo que ás consideramos como paes ou mães. Todos os dias observamos que as pessoas com quem sustentamos relações commerciaes ou que encontramos no mundo, são seres imperfeitos. Nos escandalos diarios, na rixas entre antigos amigos, nas fallencias, nos processos, nos relatorios da policia, frequentemente encontramos a prova do egoismo, da falta de probidade, da brutalidade geral; e, todavia, quando se critica a má conducta das creanças, parece estar comprovado que aquelles que as educam não differem dos especuladores que referimos, não tem responsabilidade alguma pelo modo como procedem para com os seus filhos e filhas. Tão longe

está isto da verdade, que pela nossa parte não hesitamos em imputar aos paes a maior parte das desordens domesticas que ordinariamente se attribuem á perversidade dos filhos. Não dizemos que tal succeda entre as pessoas bondosas e conscientes de si, nos numeros das quaes esperamos poder collocar a maioria dos nossos leitores; mas affirmamos que o facto é verdadeiro na sua generalidade. Que especie de cultura moral póde dar a mãe, que tem o habito de sacudir rudemente o filho quando este não quer mamar, como temos pessoalmente presenciado? Que sentimento de justiça poderá inculcar o pae, que, avisado pelos gritos do filho com o dedo entalado n'uma porta, começa por bater-lhe em vez de o soccorrer? O facto foi-nos referido por uma testemunha ocular. Outro exemplo ainda mais frisante e garantido tambem por uma testemunha directa: uma creança é conduzida a casa com uma perna quebrada e ali recebem n'a batendo-lhe! Que esperança de educação moral póde conceber-se para essa creança? E' verdade que são estes casos extremos, factos que denotam no ser humano a presença d'esse instincto cego que leva o bruto a destruir os filhos quando estão doentes ou feridos. Mas por mais extremos que sejam, offerecem typos de sentimentos e procedimentos que todos os dias se observam em muitas familias. Quem é que não viu uma creança ser muitas vezes acoutada por uma ama ou por seus paes, por causa da sua rabugice, rabugice originada provavelmente pela falta de saude? Quem ha que não ouvisse uma mãe ao levantar bruscamente uma pobre creancinha que cahiu no chão, chamar-lhe estúpida, com uma irrascibilidade que para todo o futuro presagia uma serie infinita de asperas censuras? E o tom duro com que um pae ordena ao filho que esteja tranquillo, não denuncia acaso quanto aquelle está longe de compartilhar a sua maneira de sentir? Porventura as contrariedades perpetuas e inuteis que fazem soffrer ás creanças: por exemplo, a de se assentar, quando, n'uma creaturinha tão activa, a immobildade deve produzir uma grande irritação nervosa; a prohibição de olhar pelos postigos no caminho de ferro, quando é isto

HERBERT SPENCER.

(Continúa)

vinho e da cerveja. A medida pareceu insufficiente e propuzeram logo involucrar no voto de abstinencia todas as bebidas que embriagassem. N'um meeting em que esta questão foi discutida, um orador gago, que falava a favor da abstinencia total, exclamou: I AM-AT-TOTAL-ABSTAINER. Os gracejos que esta pronuncia defeituosa despertou, crearam logo as palavras *teetotalism* e *teetotalter*, destinadas a parodiar a gaguez do apostolo da temperança absoluta. Estas palavras abriram rumo e ficaram na lingua.

Bibliographia Brasileira

ANNO II — 15 DE OUTUBRO DE 1889 — BOLETIM XVIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, lithographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

233 — ALMANAK do ministerio da guerra para o anno de 1889, organizado na repartição do Sr. ajudante-general.

234 — AUGUSTO SÁ — Cacos de garrafas, versos humoristicos de Augusto Sá

235 — BOUCEHRVILLE Verbos fortes da lingua ingleza e dos idiotismos verbaes.

236 — DIAS DE MAGALHÃES. Ensaio poetico do Sr. Antonio J. Dias de Magalhães, na typographia de Lombaerts & Ca. rua dos Ourives n. 7.

237 — FERREIRA DA SILVA. Estatistica pathologica da capital da provincia do Rio de Janeiro, trabalho do Sr. Dr. Ferreira da Silva.

238 — RECAPITULAÇÃO dos regulamentos e instrucções pelas quaes se rege o montepio geral de economia dos servidores do Estado.

239 — RELATORIO da Associação dos Empregados no commercio do Rio de Janeiro apresentado á assembléa geral em 14 de Julho de 1889.

240 — RELATORIO apresentado á associação parochial de instrucção de beneficencia, pelo director do Lyceu de Artes e Officio da freguezia do Espirito Santo.

241 — RELATORIO do Sr. Dr. chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro.

241 — SILVA JARDIM. Circular ao eleito-rado do 8º districto da provincia de Minas Geraes, pelo Dr. Silva Jardim. Impresso na typographia da *Gazeta de Noticias*.

242 — ZALUAR Lições de cousas animadas e inanimadas por E. A. Zaluar, 2.ª edição illustrada, 1 vol em 16 1\$000

Noticiario

Acha-se no prélo e sahirá brevemente á luz um livro de poesias de João Ribeiro,

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias n1

Severiano da Fonseca — Viagem ao redor do Brasil, 2 vols. encs. com gravuras 8\$000

Balthazar da Silva Lisboa — Annaes do Rio de Janeiro, 7 vols. encs (raro) 50\$000

Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil, 68 volumes encadernados (1839-1887) 120\$000

James Fletcher — Brasil and the Brazilians, 1 vol. enc. com gravuras 4\$000

Fernandes Pinheiro — Curso de litteratura nacional, 1 vol. enc. 3\$000

Ferdinand Denis — Le Bresil, 1 vol. enc. com gravuras (raro) 5\$000

— O Brasil (traducção em portuguez), enc. com gravuras (raro) 10\$000

Southey — Historia do Brasil, 6 volumes encadernados 15\$000

Figueira — Chronica da rebelião Praieira em 1848-1849, 1 vol. enc. (raro) 4\$000

Raiol — Motins politicos na provincia do Pará, desde o anno de 1821 a 1835, 4 volumes encs 14\$000

Mello Moraes — Chronica geral do Brasil, 2 grossos vols. encs. 14\$000

— Coreographia historica do Imperio do Brasil, 5 vols. encs (raro) 35\$000

Constancio — Historia do Brasil, 2 vols. encs. com um mappa 5\$000

Visconde Vieira da Silva — Historia da independencia do Maranhão, 1 volume encadernado 4\$000

Candido Mendes — Memorias do Maranhão, 2 vols. encs. 7\$000

Visconde de S. Leopoldo — Annaes da provincia do Rio Grande do Sul, 1 volume enc. (raro) 6\$000

Caetano da Silva — L'Oyapoc et l'Amazone, 2 vols. enc. (raro) 8\$000

A' VENDA NA
LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

Lingua Allemã

Novo methodo pratico e facil, para aprender a lingua allemã com muita rapidez e facilidade segundo os principios do Dr. F. Ahn, por Hugo A. Gruber. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 1\$500

Grammatica allemã, por E. Otto, adoptada ao programma de exames e premiada com um diploma de 2ª classe na exposição de objectos escolares em 1888, por A. Neumann, 1 vol. 4\$000

Conversação nas linguas portugueza, ingleza, franceza e allemã, por Freese, 1 volume 1\$000

Lingua Latina

Arte versificatoria da lingua latina, por Joaquim José de Mendonça Silveira, 1 volume 1\$000

Este livrinho é o unico compendio que temos para ensinar as principais regras para a composição e medição dos versos latinos.

Grammatica da lingua latina, (primeiro livro de latinidade) exercicios e vocabularios, baseado no methodo de constante imitação e repetição por John M. Clintoek, A. M., professor de linguas, e George R. Crooks, A. M., professor adjunto de linguas no collegio Dickinson, traduzido da 8ª edição para uso dos alumnos do imperial collegio D. Pedro II, pelo Dr. Lucio Pereira dos Passos, professor de latim no mesmo collegio; quarta edição brazileira, 1 vol. 5\$000

Explicação da Syntaxe Latina, dividida em duas partes, na primeira se trata do que pertence á syntaxe geral e uso particular de varios substantivos, adjectivos e verbos e outras mais partes da oração composta pelo padre Antonio Rodrigues Dantas, professor regio de grammatica latina na cidade de Lisboa, 1 vol. 1\$500

Tacito, Vita Agricola, br. \$300

Cicero: de Senectute, e de Amicitia, 1 vol. br. \$500

Prefixos e suffixos da lingua latina e de sua synonymia, pelo Dr. Antonio José de Souza, 2 tomos em 1 vol. enc. 2\$000

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

41 Rua Gonçalves Dias 41

Martin de Moussy — Description géographique et statistique de la confédération Argentine, 4 vols. encs. sendo um de atlas in folio 15\$000

Andres Lamas — Collección de obras documentos y noticias ineditas o poco conocidas para servir a la historia fisica-politica y literaria del Rio de la Plata, 5 vols. encs. 10\$000

Santiago Arcos — La Plata, étude historique. 1 vol. enc. 2\$500

Vicente Quesada — Vireinato del Rio de la Plata (1776-1810), apuntamientos critico-historicos, 1 vol. enc. 3\$000

José Maria Reyes — Descripción geográfica del territorio de la Republica del Uruguay, acompañada de observaciones geológicas, 1 vol. enc. 3\$000

Émile Carrey — Le Pérou, tableau descriptif, historique et analytique, 1 volume enc. 2\$500

Francisco Bauzá — Historia de la dominación Española en el Uruguay, 2 volumes encs. 4\$000

Noticias historicas, politicas y estadísticas del Rio de la Plata, con un apendice sobre la usurpacion de Montevideo por los gobiernos Portugues y Brasileiro, 1 vol. enc (raro) 3\$000

Alfred de Brossard — Consideration sur les Republiques de la Plata, 1 vol. enc. 1\$500

Joaquin Acosta — Compendio historico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada 2\$000

Andres Lamas — Apuntes historicos sobre las agresiones del Dictador Rosas contra la independencia de la republica del Uruguay, 1 vol. enc. 3\$000

Lobo y Riudavets — Navegacion del Rio de la Plata, ilustrada con una carta y vistas de costa, 1 vol. enc. 3\$000

Woodbine Parish — Buenos Ayres y las provincias del Rio de la Plata, 1 volume encadernado 2\$500

R. M. Baralt — Historia de Venezuela, 1 volume enc. 2\$500

Lavelaye — Apuntes sobre la importancia económica y financeira de la Republica Argentina, 1 vol. 1\$500

Illm. Sr.

O abaixo assignado, por si e como representante da familia do finado professor Coruja, tem a honra de communicar a V. S. que acha-se exclusivamente encarregada da venda das obras d'aquelle professor, a casa dos Srs. Alves e C^a., a quem V. S. se dignará, d'esta data em diante, dirigir os pedidos que directamente fazia ao autor, e espera de V. S. a continuação do apreço que sempre dispensou ás referidas obras.

Outrosim o abaixo assignado aproveita a oportunidade para agradecer o empenho que V. S. se tem dignado ligar á propagação das obras utilisimas do professor Coruja.

Rio, 4 de Outubro de 1889.

EMILIO DE MENEZES.

Livros do Professor Coruja.

<i>Arithmetica para meninos, 1 vol.</i>	\$390
<i>Grammatica da lingua nacional, 1 volume</i>	
<i>cart.</i>	1\$000
<i>Grammatica latina, 1 vol. cart.</i>	1\$000
<i>Manual do estudante de latim, 1 vol. cart.</i>	1\$000
<i>Lições da historia do Brazil</i>	2\$000
<i>Compendio da orthographia da lingua nacional, 1 vol. cart.</i>	2\$000